

# Pro-Vimaranense

ÓRGÃO E PROPRIEDADE DA SOCIEDADE DE DEFESA E PROPAGANDA DE GUIMARÃES  
PUBLICAÇÃO TRI-MENSAL

1.º ANO — 3.ª Série  
NÚMERO 8

Director e editor: José Pinto Rodrigues ■ Administrador: Armando Andrade  
Guimarães, 10 de Maio de 1930

Redacção e Adm.: RUA DA REPÚBLICA, 24.  
Comp. e imp.: TIP. MINERVA VIMARANENSE

## Igreja da Penha

Completa-se um ano em Junho próximo sobre a realização duma Festa da Flôr, que um gentil grupo de senhoras nossas patriças levaram a cabo com o beneplácito fim de destinar o seu produto — que se não nos engana a memória anda por cerca duns 3 contos — à tão falada Igreja da Penha.

Porque será que nunca mais voltou a falar-se em tal assunto?

Dar-se-há o caso que a Irmandade da Penha seja contrária à construção dum templo, que — à parte quaisquer credos... religiosos — é sempre um nobre e indispensável empreendimento, mesmo debaixo do ponto de vista artístico, para aquela serra?...

Foi para se fazer silêncio que a mesma Irmandade pediu ao entusiasta da talha da Santa Clara, que tanto trabalhou por aquela ideia... que não trabalhasse mais?!...

Demais, porque esperam os 40 contos do Congresso de 1927 (?) se a Igreja se não fizer?...

Gostávamos de vêr novamente o assunto reviver, tão certo é que todas as felizes iniciativas encontram verdadeiros obstáculos... entre os próprios vimaranenses, que não sabemos nesta altura o que é que querem: — se o progresso da sua e nossa Terra, se justamente o contrário...

X. X. X.

## Os ambulantes

O comércio retalhista está descontente com a maneira como o Município manda agir a fiscalização dos impostos sobre os ambulantes e tendeiros.

E' lástima que o comércio localizado haja de suportar o contrapelo das contribuições e impostos, as sobrecargas de tantas e asfixiantes maneiras de tributação, deixando-o, ainda por cima, sem defesa contra a concorrência que o anónimo tendeiro arma, ao pé-da-porta.

Os vulgares fazedores do desconceituoso epiteto de que o lojista é o *esfolador do couro e cabelo do consumidor*, devem deter-se a observar com mais critério a acção do retalhista, — para então concluir que o amealhar das fortunas invejadas não é tão fácil que não dê, ao presente, boa margem a apreensões sobre o destino de tantos dêsses mesmos retalhistas sujeitos ao apôdo.

Se, pois, o Município não fôr atraz do velho *rabo de palha* apostado ao retalhista, ajudará o comércio localizado, — visto ser com ele que mais conta para o erário!

## Vai reabrir o Teatro D. Afonso Henriques?

Há dias que se rumoreja pela cidade que certa companhia teatral obteve autorização da Inspeção Geral dos Teatros para vir realizar no Teatro D. Afonso Henriques uma série de espectáculos.

Procuramos informarmo-nos do que sobre o assunto haveria de positivo e, com espanto e indignação, ficamos scientes de que, na realidade, não era destituído de fundamento o que se vinha afirmando.

Porque é absolutamente necessário falar alto, claro e bom som, acabando de vez com habilidades ou subtufúrgios, porque a própria dignidade e decôro da nossa terra estão em jôgo, diremos rudemente, sinceramente, o que pensamos sobre tão estranha quão incompreensível resolução.

Como pode justificar-se a reabertura de uma casa de espectáculos julgada já, com todos os sacramentos, como absolutamente incapaz de servir para os fins a que se destinava?

O Teatro D. Afonso Henriques deveria ter sido fechado há muitos anos. Influências, desleixos, o nosso portuguesíssimo e tradicional sistema do «deixa andar», «deixa correr», o nosso pensamento à Frei João-Sem-Cuidados dizendo «amanhã será», a moleza inveterada, o receio de ferir o sr. A. ou o sr. B., a falta de coragem para tomar atitudes rasgadas e claras, — tudo isto, e mais alguma coisa, contribuiu para que, meses sobre meses, anos sobre anos, se fôssem periodicamente abrindo as portas do casarão-ignóbil, do casarão-ratoeira, do casarão-ameaça permanente para a vida de quem o frequentasse.

Inestético, incómodo, sujo, resistiu sempre a tôdas as investidas. Campanhas de imprensa, clamores do público, nada, durante anos e anos, pôde fazer com que numa rajada de bom senso, pronta e irremediavelmente êle fôsse demolido.

Sim, *demolido!* Porque não é fechando-o — haja em vista o que agora se tenta — que o perigo se põe de parte. Radical e urgente, só há uma medida a tomar: demoli-lo, não deixar que dêle fique pedra sobre pedra.

Que pavorosa inconsciência a de certas criaturas!...

Pois quê, pois estamos todos de acôrdo em que *aquilo* não serve para nada, em que poderá ser, hipótese macabra!, cadinho onde se queimem os nossos corpos ou montão de ruínas onde estalem e se desfaçam os nossos ossos, e havemos de consentir que, a título excepcional que seja, as portas do imundo casarão se abram?

Não, mil vezes não!

Fez-se-lhe uma vistoria. Essa vistoria condenou-o. A condenação tem de ser irremediável, sem apêlo e sem agravo. Se a Inspeção Geral dos Teatros, como é público e notório, consente na reabertura do Teatro, procede muito mal, tão mal que o seu procedimento só pode merecer como qualificativo os maiores impropérios.

Dizemo-lo com a certeza absoluta de interpretarmos o sentir de todos os vimaranenses de bom senso.

Bem sabemos que lavra, por virtude de várias circunstâncias, uma grave crise teatral; sabemos que essa crise tem atirado para a miséria, por virtude da falta de contractos a que dá causa, um grande número de artistas. Sabemo-lo e profundamente lamentamos.

Temos pelos artistas que se propõem vir a esta cidade a maior consideração. Não podemos, porém, porque isso seria atraiçoar vergonhosamente a nossa missão, deixar de muito vibrantemente levantar o nosso indignado protesto.

E' para a autoridade administrativa que apelamos. Pode o sr. Administrador do Concelho contar com o nosso incondicional aplauso em tudo o que faça para obstar que vá por diante a tentativa de reabrir as portas do velho e já condenado edificio. Cumpra S. Ex.ª com o seu dever que nós faremos, da nossa parte, tudo, *mas tudo*, o que fôr preciso.

## João Franco

Faz agora um ano que o «Ecos de Guimarães» noticiava:

«...Seguidamente o sr. dr. Meira prestou a sua homenagem muito sentida ao homem amigo da nossa terra.

O sr. dr. Alfredo Dias Pinheiro num eloquente discurso também pôs em relêvo as qualidades do grande morto...

Falaram também os srs. P.º Gaspar Roriz, Cônego Alberto Vasconcelos e dr. João Rocha dos Santos, fazendo todos o elogio às virtudes cívicas e morais do grande amigo de Guimarães.

Depois de várias considerações ficou resolvido que no próximo mês de Maio se realizem solenes exéquias... *A assembleia pronunciou-se para que não ficasse só nas exéquias a homenagem a prestar ao amigo dedicado de Guimarães. Era preciso mais do que isso. Era preciso que Guimarães levantasse um monumento que, através os séculos, lembrasse aos vindouros o nome querido de João Franco. Em vista disto, ficaram nomeadas duas comissões: para tratar das exéquias e para resolver sobre o monumento.»*

Já lá vai mais de ano e dia...

## Ecos. Notícias. Comentários.

Dizem-nos que vão já muito adiantadas as obras para o alargamento e ampliação do Hotel da Penha, que deverá ficar pronto a funcionar ainda este verão. Regosijamo-nos por assim ser. Oxalá que, na realidade, o hotel reabra a tempo e que as obras projectadas sejam executadas com todos os requisitos de segurança e com o emprêgo de bom material.

Efectuou-se em Lisboa, durante alguns dias, uma grande reunião dos representantes dos municípios do país. Nela se ventilaram os mais diversos e complexos assuntos, encarados sob o ponto de vista da acção administrativa municipal. Dois, entre muitos, occuparam a atenção dos edis: impostos e código administrativo, sem dúvida os mais instantes problemas municipais. O problema dos impostos está hoje posto especialmente em relação à forma de se arranjar um substitutivo do *advalorem*, cuja falta muito se faz sentir nos erários dos municípios. O problema da codificação da legislação administrativa tem já cabelos brancos. Um e outro são, como costuma dizer-se, dois grandes bicos de obra... Resolver-se-hão agora?

Começa a ventilar-se no nosso meio esta questão: Realizam-se as Festas Gualterianas? Fazem-se sòmente as feiras?

Uns que sim, outros que não, uns por isto, outros por aquilo, as opiniões divergem. Cremos porém, pelo que temos ouvido, que a esmagadora maioria desejará que se promovesse alguma coisa mais do que as feiras, há anos para cá caídas em manifesta decadência. As Festas custam dinheiro, acarretam encargos grandes, dão muito trabalho, obrigam a dispender muita energia. Que se resolverá em definitivo?

Eis o que vamos investigar, dizendo depois da nossa justiça.

Do sr. A. J. F. recebemos uma amável carta, que agradecemos, acompanhando um artigo sobre a acção da Com. de Turismo da Penha. Aplaudimos o sr. A. J. F. o que lá se tem feito, terminando por pedir que essa Comissão mande construir rings para patinagem e courts de tennis.

Na impossibilidade de publicar o seu artigo — por falta de espaço e por anónimo — aqui deixamos exarados os votos do sr. A. J. F., para serem apreciados por quem de direito.

Ao contrário do que fôra anunciado, não visitou ainda esta cidade o sr. Governador Civil. Das vantagens que adviriam dessa visita já se falou nestas colunas. Lástima é que ela demore...

## Liceu de Martins Sarmiento

Recebemos hoje a seguinte carta, que gostosamente publicamos. Por absoluta falta de espaço e por ter vindo tão tardiamente, não podemos fazer-lhe os devidos comentários.

Ex.<sup>mo</sup> Snr. Director do «Pro-Vimarane»

Sob o título de «Liceu de Martins Sarmiento» fazem-se, em o número de 30 de Abril do jornal que V. Ex.<sup>a</sup> tão proficientemente dirige, algumas apreciações a um artigo da minha autoria publicado no «Primeiro de Janeiro» de 23 do mês passado. Agradeço a V. Ex.<sup>a</sup> as amáveis referências que aí me são feitas.

Quanto aos reparos ao meu artigo que a mesma local encerra, direi a V. Ex.<sup>a</sup> que foi na qualidade de reitor do Liceu Martins Sarmiento que fui convidado a colaborar naquele número do «Primeiro de Janeiro». Como tal entendo eu que sou a pessoa menos indicada para tratar da questão de elevação a Central do nosso Liceu, porquanto sou, pessoalmente, o mais interessado no assunto.

Aproveito a ocasião para felicitar V. Ex.<sup>a</sup> pela excelente orientação imprimida ao «Pro-Vimarane» e para desejar ao mesmo largos anos de existência e de prosperidade.

Agradecendo a V. Ex.<sup>a</sup> a publicação destas linhas inscrevo-me, com toda a consideração.

De V. Ex.<sup>a</sup>, etc.

Guimarães, 10-5-930.

José Francisco dos Santos.

## Pergunta-se . . .

Qual a razão porque se encontram fechadas ao público as portas do edificio dos Correios que dão para o Largo de S. Bento?

— Porque é que os globos dos candieiros da iluminação pública não são limpos e substituídos os que faltam, assim como beneficiados com pintura os respectivos candieiros conforme é obrigado a fazê-lo o concessionário da luz?

— Porque é que se não acabam com as obras de demolição dos velhos pardieiros da via do Monte-Pio, que ameaçam ruína, e põem em perigo a vida de todo aquêl que por ali passe?

## Cobrança

Vai, a partir da publicação deste número, proceder-se à cobrança da assinatura do 1.º trimestre, que importa em 4\$50. Esperamos fazê-la sem demoras nem dificuldades. Este jornal vive exclusivamente do rendimento das assinaturas e anúncios, aquelas e éstas a preços bem módicos. Os snrs. assinantes, atendendo às circunstâncias, pagarão, estamos certos, pronta e rapidamente as suas assinaturas. Qualquer reclamação a fazer sobre os serviços administrativos deste jornal deve ser dirigida ao snr. Armando Andrade, Rua 31 de Janeiro.

## CONDIÇÕES DE ASSINATURA:

Trimestre . . . 4\$50

(Cobrança adiantada)

## O Engenheiro-Agrônomo

### João Coelho da Mota Prego

Por haver atingido quasi a «idade de ouro» da velhice, foi encerrado o ciclo da vida oficial do muito illustre Engenheiro-Agrônomo,—João Coelho da Mota Prego.

Antes, porém, que a opinião indigena, que o desconhece, faça à volta do seu nome o crepúsculo que dolorosamente envolve todos os «vencidos da vida», quero eu por um momento fazer incidir à luz da ribalta um testemunho de apreço que, sendo uma honra para o notável publicista agrônomo, constitue não menos honra para nós, vimaranenses, — pois que é filho dilecto da nossa terra e neste seu torrão natal buscou inspiração para tantas das suas obras . . .

Eis o documento official, dimanado do Ministério da Agricultura:

Ex.<sup>mo</sup> Senhor: — Sabe V. Excelência quão sincera é a minha estima, o meu respeito, a minha alta consideração por V. Excelência, obreiro inteligente, invulgarmente culto e superiormente orientado, que de longos anos vem consumindo na tarefa redentora do nosso ressurgimento agrícola todo o seu saber de Mestre insigne, toda a sua proficiência de técnico illustre entre os mais illustres.

Não estranhará, pois, V. Excelência que lhe garanta que é com o maior pesar que o vejo afastar-se de mim, que sempre ouvi o seu conselho e acatei a sua opinião com o maior empenho de acertar.

Sei bem que a acção valiosíssima de V. Excelência na fase da preparação da campanha agrícola lhe custou imensos sacrificios, e por isso mesmo ela se revestiu de um maior valor e mais nos obrigou para com V. Excelência.

Não tenho o direito, ninguém o terá, de exigir de V. Excelência a continuação desse sacrificio. Espero, porém, que V. Excelência, mesmo de longe, não deixará de auxiliar com a possível colaboração a empresa a que nos abalancamos e de cujo êxito depende, em grande parte, uma era de prosperidade para o nosso querido País.

Continuo confiando na vitória da nossa campanha, e asseguro a V. Excelência que na hora feliz, como na de dificuldades e receios, não esquecerei os que lealmente, com nobre isenção e devotado espirito patriótico, me acompanharam.

Entre êles, reservarei sempre para V. Excelência um lugar de honra e de destaque, como é de inteira justiça.

Por agora, afirmando o meu reconhecimento pelos grandes serviços prestados, espero poder continuar a receber os conselhos de V. Excelência. — V.ºr Amigo e Muito Ogd.º — O Ministro da Agricultura — (a) Henrique Linhares de Lima.

Alegra-nos êste preito de reconhecimento official a uma figura do maior relêvo na sciência agrícola, pelo desvanecido orgulho de que João Coelho da Mota Prego — é filho dilecto de Guimarães!

Eu não sei o que pensam os meus conterrâneos, aqueles que são os representantes e condutores da opinião pública desta terra, do prestígio e renome que advem para a colectividade vimaranense em não deixar, sem o merecido destaque, quem fulgurantemente nos elevou pela sua obra meritória e talento creador.

O que sei de positivo, é que a acção de Mota Prego, como publicista e como vulgarizador pratico dos multiplos ramos da sciência agronómica, é a mais fecunda, a mais original, a mais produtiva de quantas se hão experimentado em o nosso País!

Quero, porém, ceder a vez aos espiritos cultos que, com autoridade, podem comprovar o mérito do nosso illustre conterrâneo.

Fala da obra literária de Mota Prego o economista Anselmo de Andrade:

«... E' extensa e valiosa a lista das obras de Mota Prego. «Aubos e Terras», «Olivais e Lagares», «Manteigas e Queijos», são monografias teóricas e práticas de especialidades agronómicas, do mais inconfundível refêvo.

A «Horta do Tome», a «Quinta do Diabos», o «Padre Roque», o «Pomar do Adrião», a «Lagôa de Donim», a «Leitaria de Rosalina» e os «Netos de Nicolau», são livros que fazem lembrar os de Júlio Deniz . . .

Moralisam, ensinam, consolam e regeneram. Com tais virtudes postas em acção, digam-me se quem as pratica não deverá ser contado entre os varões mais úteis do seu país.»

Mas Mota Prego não é apenas um publicista sugestivo e encantador; pois que, trabalhando na imprensa, na granja, no laboratório, na conferência, foi o precursor dos sindicatos agrícolas, o introdutor no País dos modernos processos de fabricar o azeite, a manteiga, o queijo, etc.

D. Luís de Castro, agrônomo e escritor, escreve do nosso distinto conterrâneo:

«... Mota Prego é sempre o incansável apóstolo do nosso desenvolvimento agrícola.

... Vai buscar à sciência, a certeza da experiência e da análise; à filosofia, a luminosa sintese; à Arte, o atractivo e o encanto; à moral, a lição para as almas, depois de dar o ensinamento material e técnico.

E' um título de glória e de honra da agronomia portuguesa, que só por si enaltece uma classe e ergue um serviço público; tem extraordinários méritos ao reconhecimento da agricultura e do Estado; uma fôlha de trabalhos que poucos atingem e raros ultrapassam . . .»

Tal é o funcionário que fechou o síclo da sua carreira laboriosa e fecunda, sem que todavia nêle se haja apagado, — felizmente para nós! — o seu luminoso espirito e apaixonado amor ao trabalho: pois ainda agora, atingidos os setenta anos que o separou da cátedra official, traz em elaboração um livro sobre a cultura do milho, que será mais uma eloquente e proveitosa lição para a região de onde é filho e para o País que tanto dignificou e serviu, com devotado zêlo e patriotismo.

A. L. de Carvalho.

## Declaração

A Companhia Electra d'el Lima, fornecedora de energia electrica para o Porto, Braga e Coimbra, entregou-nos a quantia de 150\$000 com destino à Oficina de S. José, desta cidade, e proveniente da transacção que fez particularmente com o Ex.<sup>mo</sup> Sr. Bráulio Duarte Gomes, proprietário, de S. João d'Airão, dêste concelho, por ter mandado derrubar um pinheiro que atingiu e destruiu a linha telefónica da mesma Empresa.

## Estrada da Citânia

Damos aqui os termos do Decreto que o Senhor Ministro do Comércio fez publicar e que diz respeito à estrada para a estação arqueológica da Citânia:

«Está projectado reunir-se em Portugal, no próximo mês de Setembro, o 15.º Congresso Internacional de Antropologia e de Arqueologia Prehistorica, que ao nosso país deve proporcionar a honrosa visita de muitos sábios e turistas estrangeiros.

Entre os números do programa organizado em honra dos nossos hospedes, figura uma excursão arqueológica à Citânia de Briteiros, monumento de invulgar valia que se destaca entre os mais notáveis de todos os países.

Idêntica visita se realizará àquelas velhas ruínas por ocasião de outro congresso, de que êste marca o cinquentenário, e já, então, se proclamou a necessidade da construção de uma estrada de acesso ao importante monumento.

Durante o meio século decorrido, numerosas têm sido as solicitações feitas por corpos e corporações administrativas, comissões de turismo, grêmios científicos e outras entidades em prol de tão urgente e útil melhoramento que, além das razões de ordem turística e científica, contribuirá para o progresso económico local, ligando as pingues freguesias do planalto com os mercados da região do Ave, e constituindo, além disso, indispensável complemento da futura linha férrea daquêl vale, que o Governo acaba de classificar.

Mas não exige aquêl melhoramento a adopção de um perfil de pouco declive, nem outras características dispendiosas que eram indispensáveis a quando da tracção exclusivamente animal.

Nas vias publicas circulam hoje, sobretudo, veículos automóveis e carros de bois, dispensando uns e outros as rampas muito suaves e os frequentes patamares que oneram incomportavelmente a construção das estradas, alongando-lhes desnecessariamente o percurso, e encarecendo a respectiva conservação.

De boa economia é, pois, dispensar requisitos desnecessários e onerosos sempre que seja possível e aconselhável, como de boa providência será o assegurar-se a imediata construção da aludida estrada, evitando a possível morosidade de cumprimento de preceitos que a comprovada urgência do caso não admitiria.

Nesta conformidade e usando da faculdade que me confere o n.º 2 do art.º 2.º do decreto n.º 12:740 de 26 de Novembro de 1926, por força do disposto no art.º 1.º do decreto n.º 15:331 de 9 de Abril de 1928, sôb proposta dos Ministros de todas as Repartições:

Hei por bem decretar para valer como lei o seguinte:

Artigo 1.º — A Junta Autónoma de Estradas procederá imediatamente ao estudo e à construção de uma estrada com início na freguesia do Salvador de Briteiros e que, passando junto das ruínas da Citânia e das Cachoeiras de Lageosa, vá entroncar na estrada do Bom Jesus do Monte e Lanhoso.

Art.º 2.º — A verba para tal fim necessária sairá da dotação orçamental consignada à construção da rede de estradas nacionais.

Art.º 3.º — A Junta Autónoma das Estradas é permitido adoptar na construção a que se refere o artigo 1.º as características das estradas municipais ou outras que julgue compatíveis com os novos meios de viação.

Art.º 4.º — Salvo no referente a direitos de terceiro, o Ministro do Comércio e Comunicações poderá dispensar quaisquer formalidades legais ou regulamentares a fim de se conseguir a indispensável celeridade na construção da referida estrada.

Art.º 5.º — Fica revogada a legislação em contrario.

Determina-se portanto a todas as autoridades a quem o conhecimento e execução do presente decreto com força de lei pertencer, o cumpram e façam cumprir e guardar tam inteiramente como nêle se contém.

Os Ministros de todas as Repartições o façam imprimir, publicar e correr.»

Vai, enfim, ser uma realidade um sonho de há 53 anos!

Bem haja, Senhor Ministro do Comércio!

Este número foi visado pela comissão de censura

**POLICIAMENTO Poetas Vimaraneses**

Somos dos que entendem que aos diversos agentes das autoridades se deve o maior respeito e obediência. Respeitando-os e obedecendo-lhes, não fazemos mais do que cumprir um dos nossos devêres cívicos. Os defeitos pessoais que porventura tenham nada valem. Acima de tudo o prestígio da função que exercem. E' bom ter sempre em vista que os agentes não são quem manda; ordenando, estão por sua vez, obedecendo. Cometem arbitrariedades? excessos de zelo, abusos de poder? — E' para atender as reclamações fundadas e os protestos legítimos que existem as chamadas *instâncias superiores*...

Deixemo-nos, porém, de divagações, e vamos ao assunto. E antes de mais nada: — o que vai ler-se não são acusações, nem tão pouco censuras, — são simplesmente *reparos*...

\*

Guimarães dispõe de um número insignificante, reduzidíssimo, de polícias. Os que há, mesmo que diligenciassem desempenhar-se o melhor e mais correctamente possível das suas obrigações, nunca poderiam prestar grandes serviços. Esta verdade conhece-a toda a gente. Ainda há bem pouco a S. D. P. G. a expôs ao sr. Governador Civil.

O certo, porém, é que, além de serem em número insuficiente, os guardas têm uma maneira de fazer o serviço que merece os nossos reparos...

Em primeiro lugar, andam quasi sempre em grupo. Três, quatro, cinco, seis-juntos. Pachorrentamente, filosoficamente, comodamente. Depois, naturalmente por uma série de coincidências lamentáveis, tem-se verificado com escandalosa frequência, o facto de não se encontrarem quando mais precisa é a sua intervenção.

Deixemos os guardas em paz e digamos, em meia dúzia de palavras, como gostaríamos de ver realizada a acção da polícia, ou, melhor, em que casos a sua acção mais benéfica e proficuaemente se poderia fazer sentir.

\*

Todos nós sabemos que um dos piores defeitos de muitos dos nossos contrrâneos — incluindo nesta expressão não só «eles», mas também «elas» — é o uso e abuso da linguagem despejada, desbragada, obscena, empregada a torto e a direito, sem respeito por quem ouve ou poderá ouvir, num estupendo e estúpido descaro de incivilizados.

Difícil, muito difícil, corrigir defeitos vindos de imemoriais tempos. Mas... se a polícia agarrasse em dois, três, quatro malcriados apanhados em flagrante — e isso seria facilimo — e os remetesse, com o competente auto, para o Tribunal, dentro em pouco constataríamos uma apreciável diferença nos maus costumes de certa gente. Começando, é claro, a acção policial a efectuar-se de cima para baixo...

\*

Interessante também, e sobremaneira útil, seria que a polícia fôsse recomendado o maior cuidado e zelo na repressão da prostituição reles e às escâncaras que por aí se observa.

Desgrenhadas, esqueléticas, fa-

**Cantigas da minha Terra**

Por Delfim de Vimaranes.

*Tens escondidas na blusa  
Duas frescas laranjinhas...  
Tôda esta bôca se acusa  
Que não são tuas, são minhas...*

*Se fores à Penha sem mim,  
E fores de vestido chic,  
Pede ao velho Joaquim  
Que dê na tórre um repique...*

*Minha amada não me quer,  
Tôda me foge, anda arisca...  
Trocou-me no S. Gualter  
Por um labrêgo da Pisca!...*

*Quiseste sêr costureira,  
Que tem o povo com isso?!...  
E o povo — que maluqueira!...—  
Agora chama-te chisso!...*

*Meu amôr calça sapato  
Com brilhantes na fivela...  
Tinha mais lindo aparato  
Quando calçava chinela...*

*A Senhora d'Oliveira  
Quer um milagre fazer:  
— Vai ser a casamenteira  
Dêste nosso bem-querer...*

*Pró S. João, meu Enlevo,  
Vai afinando a garganta...  
Hemos de ir colhêr o trêvo  
Ao cimo da Fonte-Santa...*

*Cupido com seus desdêns  
Vênus feriu nesta praga:  
«Rapaças — de Guimarães...  
E raparigas — de Braga...»*

Maio de 1929.

mintas, percorrem constantemente as ruas da cidade, num espectáculo confrangedor, meia dúzia de desgraçadas que a miséria própria e, em grande número de casos, a falta de escrúpulos e de dignidade de muitos homens, lançaram para o mais ignóbil dos comércios. Crêmos que com um pouco de energia e um bocado de boa vontade se poderia impedir essa exhibição de podridões.

\*

Espectáculo não menos confrangedor é o que nos dá, nos lugares mais centrais da cidade, constantemente incomodando indígenas e forasteiros, uma chusma de vagabundos, de vádios, a maior parte dêles de pouca idade, outros já homens feitos, todos em perigo moral cada vez maior, todos irremediavelmente condenados a, mais tarde ou mais cedo, caírem sob as sanções do Código Penal, tornando-se assíduos frequentadores de cadeias e penitenciárias.

Bem sabemos que, tanto neste caso como no da prostituição, estamos em face de problemas que — dada a sua extensão e o seu lamentável caracter de *nacionais* —, só com um conjunto de largas, profundas e complexas medidas poderão ser resolvidos. Contudo, com a repressão policial, feita na medida do possível, muito se poderá conseguir.

\*

Fiquemos hoje por aqui. Não é evidentemente com 6, 8, 10 ou 12 guardas que a nossa Terra pode ser devidamente policiada. Mas pode sê-lo, ainda deficientemente mas um pouco regularmente, com 30...

Ao sr. Administrador do Concelho pedimos que remedeie o que tiver remédio e continue instando com o Chefe do Distrito pela satisfação desta comesinha necessidade: — um decente e eficaz policiamento...

A. R.

**PELO TRIBUNAL**

Distribuição feita na audiência do dia 1:

*Comercial.* Acção de pequenas dívidas, de Miguel Pereira contra Francisco Almeida Ribeiro e mulher. 5.º officio, escrivão Baptista.

Idem. De Augusto Mendes contra Agostinho Martins da Rocha. 1.º officio, escrivão Rodrigues.

*Orfanológica.* Carta precatória para a citação e afixação de editais, de Fafe, no inventário de José António Dantas Júnior. 4.º officio, escrivão Graça.

\*

Distribuição na audiência do dia 5:

*Comercial.* Acção de pequenas dívidas, de P.º João Antunes Gomes contra Manuel Coelho e mulher. 5.º officio.

*Orfanológica.* Carta precatória para declarações, vinda da Póvoa de Lanhoso, no inventário de Manuel Fernandes. 4.º officio.

\*

Distribuição na audiência do dia 8:

*Inventário orfanológico.* Por óbito de D. Maria Emilia Simões Lopes Sampaio, de S. Paio de Vizela. 5.º officio.

\*

Começou no passado dia 5, devendo continuar no dia 19, o julgamento de Domingos Bragança, chauffeur, e Manuel Simões Sobral, comerciante, acusados de por negligência, imperícia e falta de destreza terem provocado a morte de uma criança, que foi atropelada, pelo automóvel que conduziam, no Largo Prior do Crato, em Outubro do ano findo. Foram já ouvidas tôdas as testemunhas de acusação.

*A casa HIGH-LIFE tem em liquidação artigos que existiam dos seus antigos donos que vende a preços baratísimos.*

**Oficina de S. José**

Mandou a Câmara proceder a obras no pavimento do Largo fronteiro a esta oficina. Acharnos bem. Tal como se encontrava não podia continuar — e a benemerita e utilíssima instituição bem merece tudo o que por ela se faça.

O produto da kermesse efectuada no passado dia 21 foi, apesar de o dia não se apresentar dos melhores, bastante avultado. Decididamente as oficinas caíram no agrado dos vimaranenses. Antes assim. Oxalá que, ajudadas pela dedicação e benemerência de todos nós, elas se desenvolvessem cada vez mais.

**CASA DAS MEIAS**

A' nossas gentis leitoras, recomendamos a CASA MARTINS por ser a casa que melhor sortido tem e os seus preços os mais baratos, só na Casa das Meias que é a CASA MARTINS.

**EDITAL**

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto, Administrador do Concelho de Guimarães;

Faz público que, para cumprimento do Art.º 7.º do Decreto n.º 8.364 de 25 de Agosto de 1922, baixou a Secção Administrativa da Câmara, o edital da 1.ª Circunscrição Industrial, do teor seguinte:

Eu, Manuel Jacinto Eloi Moniz Júnior, Engenheiro-Chefe da 1.ª Circunscrição Industrial.

Faço saber que:

A Companhia Portuguesa de Petróleos «Atlantic» requereu licença para instalar um depósito subterrâneo de gasolina com bomba auto-medidora, incluído na 2.ª classe com os inconvenientes de perigo de incêndio, em Praça D. Afonso Henriques, freguesia de S. Sebastião, concelho de Guimarães, distrito de Braga, confrontando ao norte, sul, nascente e poente com Praça D. Afonso Henriques.

Nos termos do Regulamento das Indústrias Insalubres, Incómodas, Perigosas ou Tóxicas e dentro do praso de 30 dias, a contar da data da publicação deste edital, podem tôdas as pessoas interessadas apresentar reclamações, por escrito, contra a concessão da licença requerida, e examinar o respectivo processo, nesta Circunscrição, com sede em Porto, rua Sá da Bandeira n.º 142-2.º.

Porto e Secretaria da 1.ª Circunscrição Industrial, 1 de Maio de 1930.

O Engenheiro Chefe,

Manuel Jacinto Eloi Moniz Júnior

É o que contém o referido edital.

Guimarães, 6 de Maio de 1930.

E eu, José Fernandes Ribeiro Gomes, chefe da secção administrativa, o subscrevi.

José Maria Pereira Leite de Magalhães e Couto.

**CASA PIMENTA**  
 DE  
**ALBERTO PIMENTA MACHADO**  
 FILIAL - Rua 31 de Janeiro

Completo sortido de tecidos de algodão e lã para vestidos. Enorme variedade de casimiras para fatos. Estambres e elasticotines, ingleses.

**NÃO COMPRAR SEM VER OS SEUS PREÇOS.**

Visitem a grande exposição de hoje, Domingo.

**Fábrica de Pentos  
 do Ribeirinho**

FORNECEDORA DOS PRINCIPAIS  
 ARMAZENS EXPORTADORES

Telefone 128

Guimarães - Portugal

**ATOALHADOS E LINHOS**

**Gonçalves & Castro, L.<sup>da</sup>**  
 GUIMARÃES  
 Largo Prior do Crato, 7-8-9

Completo sortido de todos os tecidos próprios para enxovais

*Lindas colecções de bordados de Guimarães  
 e uma grande variedade de tecidos para roupas interiores*

Preços das fábricas

Papelaria - Perfumarias - Tabacos  
 Gramofones e discos - Radiotelefonía  
 Papeis de embalagem - Fio - Papelão

**CASA IDEAL**  
 JOAQUIM LEITE MONTEIRO

28, Rua 31 de Janeiro, 30 - Telefone 181 - GUIMARÃES

**CASA DE SANTA TERESINHA**  
 122, Rua da República, 122-A  
 GUIMARÃES

Papelaria e Livraria - Artigos religiosos - Objectos de escritório

Estampas, Oleografias, Registos de Santos, Lembranças para a 1.ª Comunhão, Livros de Missa, Devocionários, Postais ilustrados, Artigos para pintura, Tintas laváveis, Aguarelas, etc. Brinquedos, Sabonetes, Perfumarias, Pasta e escovas para dentes, Estatuetas ornamentais, Imagens religiosas, Crucifixos, Relicários, Pias para água-benta, Terços, etc. Executam-se desenhos em todos os géneros.

**ALFARFARIA DE  
 RIBEIRO, FILHO**

*participa aos seus clientes e amigos que acabou de receber um enorme sortido de artigos de verão, em lindos padrões*

**Sortido completo em fazendas para fatos, sobretudos, etc.**

9, Largo da Misericórdia, 10 - Telefone, 177 - GUIMARÃES

**CASA DAS GRAVATAS DE  
 Dias & Carvalho, L.<sup>da</sup>**

43, Rua da República, 47 - Telefone 188 - GUIMARÃES

Chapelaria, Camisaria e Gravataria

*Completo sortido em meias, peugas, popelines, bolsas, malhas, guarda-chuvas, perfumaria, miudezas e artigos de novidade.*

**CASA REBELO**

117 - Praça D. Afonso Henriques - 118  
 GUIMARÃES

Completo sortido em tecidos próprios para a estação de verão a preços baratíssimos.

Fazendas brancas e miudezas.

**Visitem esta casa**

**CASA MARTINS**  
 A CASA DAS MEIAS

Sempre as últimas novidades, o maior sortido, para *Senhora, Homem e Criança*. Camisas para Homem e Senhora. Popelines, Zefires e Percals para Camisas. Gravatas, Chapeus, Sombrinhas, Malinhas, Artigos de bordar, Bordados e Rendas. Calçado para quarto. Secção de Louças, Tapetes, Brinquedos e Artigos para brinde.

**Bom, Bonito e Barato**  
 Só na Casa Martins. A Casa das Meias.

**Tabacaria, Papelaria e Livraria**  
**L. Oliveira & C.<sup>a</sup>**

11 - Rua da República - 13  
 GUIMARÃES

(JUNTO AO BANCO DO MINHO)